

# Uma relação reflexiva e teórica, por meio da ideia de interação, entre a sociolinguística interacional de John Gumperz e o interacionismo sócio-histórico de Lev Vygotsky

A reflective and theoretical relationship, through the idea of interaction, between the interactional sociolinguistics of John Gumperz and the socio-historical interactionism of Lev Vygotsky

Manuel José Veronez de Sousa Júnior\*

---

**RESUMO:** O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma relação reflexiva e teórica entre a teoria da sociolinguística interacional de Gumperz (1994) e a teoria do interacionismo sócio-histórico de Vygotsky (1998), apresentando pontos de convergência e de divergência entre elas, a partir da noção de interação trabalhada pelos dois teóricos em questão, capazes de confirmar a pertinência e importância teórica de se tentar dialogar duas áreas a princípio bastante antagônicas entre si: a sociolinguística e a psicologia. Num primeiro momento, será explicitada a teoria da sociolinguística interacional de Gumperz (1994), após, em um segundo momento, será explicitada a teoria do interacionismo sócio-histórico de Vygotsky (1998) e ao final, numa terceira etapa, será apresentada uma relação e uma consequente reflexão entre essas duas teorias (a partir da ideia de interação), verificando se elas são ou não excludentes entre si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Interacional. Interacionismo Sócio-Histórico. Gumperz. Vygotsky.

---

**ABSTRACT:** This work aims to make a reflective and theoretical relationship between the theory of interactional sociolinguistics of Gumperz (1994) and the theory of socio-historical interactionism of Vygotsky (1998), presenting points of convergence and divergence between them, from the notion of interaction crafted by two theoretical concerned, able to confirm the relevance and theoretical importance of trying to engage the two areas quite antagonistic principle among themselves, sociolinguistics and psychology. At first, will be outlined the theory of interactional sociolinguistics of Gumperz (1994), after, in a second stage, will be outlined the theory of socio-historical interactionism of Vygotsky (1998) and at the end, a third step, a link will be displayed and a consequent reflection between these two theories (from the idea of interaction), making sure that they are or are not mutually exclusive.

**KEYWORDS:** Interactional Sociolinguistics. Socio-historical interactionism. Gumperz. Vygotsky.

---

## 1. A sociolinguística interacional de Gumperz

Iniciaremos o texto apresentando a teoria da sociolinguística interacional pensada por John Gumperz (1994), especificamente em sua obra intitulada *Discourse Strategies*. Esta teoria é bastante importante dentro dos estudos sociolinguísticos, pois apresenta mais uma corrente importante e interessante de pensamento dentre as existentes na área (como,

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos (bolsista CAPES), linha de pesquisa em Linguagem, Texto e Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

por exemplo, Labov (2008), Hymes (1971), Sapir (1921) etc.)<sup>1</sup>, em que os dados e as relações sociais são imprescindíveis para se pensar a língua, a linguagem e a comunicação.

A Sociolinguística Interacional (SI) se desenvolveu um pouco depois da sociologia da linguagem, da etnografia da comunicação e da sociolinguística laboviana. Ela, com isso, teve seus fundamentos estabelecidos na sociologia interacional, em particular, nos trabalhos de Goffman (1959/1967/1974/1981) e Garfinkel (1967)<sup>2</sup>, especialmente o desenvolvimento da análise da conversação. Porém, a SI também estabeleceu seus fundamentos com os chamados filósofos da linguagem, principalmente a teoria de Grice (1971)<sup>3</sup>. A SI de Gumperz (1994) se desenvolveu, também, a partir da etnografia da comunicação, principalmente com as noções de Dell Hymes (1971)<sup>4</sup> sobre contexto e competência comunicativa. A SI é, pois, um campo interdisciplinar com um patrimônio diversificado.

A SI se diferenciou das outras correntes sociolinguísticas, como a etnografia da comunicação e a sociolinguística laboviana, por exemplo, ao mostrar sua metodologia, isto é, sua maneira específica de tratar o objeto de análise, se validando de instrumentos de análises pertinentes e específicos, bem como sendo auxiliada por teorias que direcionam o processo de investigação. Gumperz (1994) parte do comportamento real dos usuários de uma língua real na comunicação face a face. O conhecimento sociolinguístico que o autor está preocupado está no nível do indivíduo, não no nível da comunidade de fala (como em Labov (2008)), em que ele vê a interação como constitutiva da realidade social, sem a preocupação do vernáculo ou do grau de tensão/distração/relaxamento do indivíduo falante.

A teoria sociolinguística de Gumperz (1994) está fundamentada na interação humana, em que o significado, a ordem, as estruturas, dentre outros elementos, não são e não estão pré-determinados, mas em evolução dentro da interação, baseada em uma complexa gama de material, experiências e fatores psicológicos. Desse modo, percebe-se que a sociolinguística interacional não é individualista, ou associal, ela é essencialmente social.

---

<sup>1</sup> Vide Bibliografia

<sup>2</sup> Vide Bibliografia

<sup>3</sup> Vide Bibliografia

<sup>4</sup> Vide Bibliografia

A metodologia defendida pelo autor-pesquisador se dá a partir de uma microanálise, quer dizer, a interação real é gravada, descrita e analisada. Ele apresenta, com isso, a unidade básica significativa da interação, importante para sua teoria, em termos de significado (sentido), que é a atividade de fala. Esta atividade é, para Gumperz (1994), um conjunto das relações sociais relacionadas com um conjunto de esquemas linguísticos em imbricação que almejam um objetivo comunicativo. Estas atividades de fala estão comumente referidas à cultura (de modo generalizado), através das expressões, nomes, termos, o narrar de uma história para alguém, uma conversa sobre o tempo etc.. Assim, a atividade de fala é um lugar onde se constrói expectativas quanto ao tipo de interação que se está participando.

A atividade de fala da SI também é algo que é fundamentado na intencionalidade. Para Gumperz (1994), a interpretação do significado social na interação é, em grande medida, uma interpretação de intenções. A natureza dinâmica e intencional da interação são dois princípios fundamentais na teoria da sociolinguística interacional. Grande parte do trabalho do autor se baseia na hipótese de que os participantes de diferentes culturas têm diferentes expectativas sobre o que compreende em uma atividade de fala específica (podendo gerar uma comunicação malsucedida). O objetivo da análise sociolinguística interacional de Gumperz (1994) não é fazer afirmações sobre a realidade psicológica, isto é, o que um indivíduo realmente tem em sua mente, mas especificar as condições de uma possível comunicação em sociedade, não determinando significados últimos e estáticos.

A SI não se encontra centrada em teorias da Linguística “tradicional”, pois a preocupação de Gumperz (1994) está na comunicação, em que a intenção não é simplesmente gramatical, ou seja, as unidades de análise podem ser ou não tradicionalmente linguísticas, tais como as atividades de fala já mencionadas, ou se basearem em aspectos da linguística, como a prosódia (considerado um aspecto marginal pela corrente tradicionalista), por exemplo. O estudioso não se baseia, em sua teoria, somente nesses aspectos marginais da linguagem, ele também faz suas pesquisas e análises baseadas em uma linguagem contextualizada. O motivo de ele incluir as características marginais da linguagem é para afirmar que suas conjecturas teóricas não se filiam a uma simples teoria da gramática, mas a uma teoria da linguagem enquanto comunicação.

Esta teoria de Gumperz (1994) está em desacordo com a construção científica da teoria linguística “tradicional”. Para ele, as pistas de contextualização (noção importante em seu pensamento científico e que veremos mais adiante) são impossíveis de descrever

em termos abstratos, elas têm implicações muito mais profundas para a construção teórica em geral e especificamente para uma linguística preocupada com particularidades. O conceito de intencionalidade, assim, é entendido pelo autor como estratégias, objetivos, motivos, intenções, significados e fins. Desse modo, para ele, o que se faz com os comunicadores (falantes) é baseado em um conhecimento tácito (implícito), em que os objetos de estudo são automáticos e o contexto e o tempo limite dos processos de inferência não estão facilmente sujeitos a uma lembrança consciente.

A intencionalidade é uma preocupação fundamental para Gumperz (1994), pois sua teoria da interação é baseada na noção de que os participantes da comunicação (qualquer que seja) fazem inferências sobre os significados das ações dos outros participantes. A interação, para ele, é uma forma de ação e ações são intencionais. O entendimento de inferência em relação à ação, segundo o autor, requer uma teoria da intencionalidade. Esta, não obstante, é uma forma de racionalidade, em que tal intencionalidade é um estado mental, embora Gumperz (1994) não tenha desenvolvido muito este ponto. A racionalidade, com isso, é assumida em sua teoria da sociolinguística interacional, no entanto, esta racionalidade não é uma racionalidade mecanicista, ou seja, uma redução do cérebro a funções involuntárias, mas é uma racionalidade informada por escolhas morais (socioculturais), em que o comportamento da linguagem é normativo.

As ideias e os trabalhos de Grice (1971) - a pragmática e a análise conversacional, por exemplo - influenciaram no desenvolvimento da sociolinguística interacional de John Gumperz (1994), principalmente com o conceito de princípio de cooperação. O princípio de cooperação de Grice (1971) é uma espécie de diretriz normativa para o comportamento, ou mesmo como um reflexo de uma noção específica da cultura, que é um comportamento racional e ordenado. Gumperz (1994), desse modo, destaca o carácter cultural da interpretação. O princípio de cooperação, por sua vez, traz duas noções importantes para o estudo pragmático de Grice (1971) e, conseqüentemente, para a sociolinguística interacional de Gumperz (1994): a noção de implicatura e a noção de inferência (que não entraremos em maiores detalhes).

Contudo, há uma dimensão adicional para o papel do princípio de cooperação na teoria da SI de Gumperz (1994), que vai além das máximas e das implicaturas já faladas. Para ele, há uma dimensão de cooperação relacionada ao envolvimento, ou seja, o que deve ser interpretado tem que ser primeiro criado por meio de interação, pois a interação é feita a partir de uma negociação do que são e não são pressupostos compartilhados, em que a comunicação bem sucedida não é possível sem um acordo a ser feito previamente

em relação ao que está acontecendo. O princípio de cooperação e a conversação, dessa maneira, não são possíveis, para Gumperz (1994), sem as habilidades racionais.

O conhecimento envolvido na interpretação da intenção é o conhecimento social. A racionalidade que o autor propõe é baseada, como já dissemos, pela natureza social da mente, em que a intencionalidade (diferentemente da intencionalidade da pragmática griciana) é uma intenção socialmente comunicativa, imposta pelos determinados tipos de organizações sociais. Para o estudioso, os processos de inferência são derivados de quadros socioculturais, com isso, se aprende ao longo do tempo por meio da interação com os outros e não simplesmente pelo viés irreduzível do processo biológico (cérebro) e “natural”.

Em relação à noção de linguagem, Gumperz (1994) não descarta seu caráter científico, e de fato a aceita como parte de seu conceito de competência comunicativa (que veremos a seguir), porém, ele também não descarta o caráter popular da linguagem. O conhecimento da linguagem comum é uma parte intrínseca na teoria da sociolinguística interacional, tendo, às vezes, até mais importância essa noção comum da linguagem do que a noção científica.

John Gumperz (1994) salienta o conhecimento cultural (social) para se proceder a comunicação, afirmando que a apresentação de uma necessidade comunicacional não vai para fora do texto, ou seja, fora do que as pessoas dizem, para procurar respostas do que ocorreu dentro de uma conversa. Segundo ele, a cultura é uma ordem social que informa o fim da conversação, defendendo, assim, sua postura cultural, dizendo que para se explicar as diferenças entre os falantes (interlocutores) dentro de um conhecimento especificado (numa atividade de fala), o sociolinguista precisa saber como os falantes usam suas habilidades verbais para criarem condições contextuais que reflitam determinadas cenas culturalmente realistas.

Podemos ver agora a definição de comunicação para Gumperz (1994), elemento importante para sua SI: é uma interação, isto é, a comunicação é uma atividade social que requer esforços coordenados de dois ou mais indivíduos. Para ele, uma simples conversa para produzir sentenças, não importa o quão bem formadas ou elegantes para seus resultados, por si só não constituem uma comunicação. Só há comunicação quando um movimento de interação entre os falantes provoca uma resposta.

Cada falante provoca uma resposta com base em uma inter-relação entre a inferência global inicial e as inferências locais geradas por cada troca feita pelos interlocutores. Gumperz (1994) coloca grande ênfase na interpretação preliminar. Para

ele, esta interpretação preliminar depende de inferências indiretas que constroem suposições sobre o contexto, sobre os objetivos interativos e sobre as relações interpessoais que derivam em quadros, ou seja, em termos que possam interpretar o que está acontecendo. Estes quadros definem a interação em termos de uma estrutura ou esquema que são identificáveis e familiares. Segundo o autor, é preciso primeiro ter algum pressuposto, um conjunto de expectativas sobre o que é que se seguiu antes, para que se possa fazer algum sentido. Apesar dos quadros serem um conjunto de expectativas, estas oscilam entre as novas entradas de informações, como receitas de discurso.

Para Gumperz (1994), os sinais que carregam os significados mais sociais são aqueles que têm o papel mais importante no processo de inferência. Estes significados mais sociais são chamados de pistas de contextualização. O autor defende que há toda uma série de pistas de contextualização que podem levar os participantes às interpretações da comunicação estabelecida. As pistas de contextualização são, desse modo, quaisquer recursos das formas linguísticas que contribuam para a sinalização de pressuposições contextuais. Estes sinais podem ter um determinado número de realizações linguísticas, dependendo da forma linguística historicamente dada pelo repertório dos participantes. Estes, para o pesquisador, podem incluir os processos de códigos, os dialetos, as mudanças de estilo etc., assim como escolher entre as opções lexicais e sintáticas, entre as expressões estereotipadas, as aberturas de conversação, as estratégias de fechamento e de sequenciamento, dentre outras.

As pistas de contextualização estão contextualmente vinculadas à comunicação e apesar delas transportarem informações, os significados são transmitidos como parte do processo interativo, pois as pistas de contextualização estão implícitas e são graduais ou escalares. Elas têm, de acordo com Gumperz (1994), uma gama vasta de características da superfície da mensagem, que são meios pelos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam, compreendendo qual atividade de fala é, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada frase se relaciona com o que precede ou segue. A maneira como as pistas de contextualização estão envolvidas na interpretação e na sinalização do sentido é através de uma complexa relação interacional com questões linguísticas e sinais extralinguísticos.

Outro conceito importante para se compreender a SI de Gumperz (1994) é o de competência comunicativa. Para ele, ela é uma forma de conhecimento que nos permite fazer julgamentos a respeito de como agir e como interpretar as ações, ou interações dentro do contexto comunicativo. A aquisição, pelos falantes, da capacidade de

interpretar pistas convencionais e a capacidade de atuar em um estilo particular parece ser assumida, pelo autor, como uma primeira evolução dentro da família destes falantes e, em seguida, além dela, com as redes imediatas de contatos (amigos, escola etc.). Em relação ao conceito de intersubjetividade na SI (também importante), Gumperz (1994) afirma que esta foi influenciada por Schiffrin (1984/1985)<sup>5</sup>, apesar do autor não esclarecer bem esta questão. O nível em que a intersubjetividade é mais importante para o autor está no nível de pressupostos, expectativas compartilhadas sobre o que está acontecendo ou vai acontecer. Desse modo, a teoria da SI de Gumperz (1994) parece exigir tanto uma episteme (um conhecimento científico) quanto um conceito normativo para a intersubjetividade, pois sua relação é que faz com que haja uma comunicação bem-sucedida, ou malsucedida.

Enfim, a questão da comunicação bem-sucedida parece descansar em algum tipo de reciprocidade, e esta reciprocidade parece repousar em algum tipo de intersubjetividade. Segundo o estudioso, a noção de comunicação parece estar relacionada com a noção de intersubjetividade e também, com a noção de comunicação bem-sucedida. A SI, então, é uma teoria baseada na comunicação face-a-face (frente a frente) e está preocupada com a interpretação da intenção (ações) na interação, para se chegar ao significado social. A sociolinguística interacional de Gumperz (1994) se baseia na suposição de um comportamento cooperativo racional, segundo o qual as ações linguísticas são vistas como intencionais, isto é, elas são vistas como pertencentes a um sistema maior de ações simbólicas. Desse modo, as ações linguísticas são parte da comunicação em geral e estão sujeitas às questões socioculturais também em geral, bem como às restrições específicas da interação.

## 2. O interacionismo sócio-histórico de Vygotsky

Neste momento, apresentaremos a teoria do interacionismo sócio-histórico desenvolvido por Vygotsky (1998), principalmente em seu livro intitulado *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Neste livro, ele apresenta uma nova abordagem de pesquisas e pensamentos, afirmando a ideia de que o homem se faz enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social e enquanto participante de um processo histórico cultural.

---

<sup>5</sup> Vide Bibliografia.

Dessa forma, o interacionismo sócio-histórico surge da ênfase no social, assim, os estudos de Vygotsky (1998) sobre o aprendizado decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Para ele, se há a ausência do outro, o homem não consegue se construir. A formação se dá, então, numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor, isto é, o homem modifica o ambiente e o ambiente o modifica. Por isso, o que interessa a ele é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, produzindo, com isso, um conceito importante para sua teoria, o da experiência pessoalmente significativa.

Outro conceito relevante da teoria de Vygotsky (1998) apresentada por ele é a mediação. Segundo sua teoria, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem, que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. Todo aprendizado é necessariamente mediado e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante. Segundo Vygotsky (1998), o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto (mediador). Ao internalizar um procedimento, a criança se apropria dele, tornando-o voluntário e independente.

O ensino, de acordo com Vygotsky (1998), deve se dedicar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre o aprendizado e o desenvolvimento, o primeiro vem antes. Isso se refere a um de seus principais conceitos, a zona de desenvolvimento proximal <sup>6</sup>, que seria, na criança, a distância real de uma criação (aprendizado) mais aquilo que ela tem como potencial de aprender. Quer dizer, a zona de desenvolvimento proximal é o caminho entre o que a criança consegue aprender sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha.

Em relação ao desenvolvimento infantil, Vygotsky (1998) apresenta três aspectos fundamentais para se pensar o processo sócio-interacionista de aquisição de conhecimento: o Aspecto Instrumental, o Aspecto Cultural e o Aspecto Histórico. O Aspecto Instrumental refere-se à natureza, como mediadora das funções psicológicas mais complexas. Não apenas respondemos aos estímulos que nos são apresentados pelo meio, como também o alteramos e usamos as suas modificações. O Aspecto Cultural envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas que a criança em desenvolvimento deve enfrentar, bem como os tipos de

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que há também inúmeros trabalhos práticos (vide bibliografia) que utilizam as pistas de contextualizações aliando à técnica de zona proximal.

instrumentos mentais e físicos que ela dispõe para dominar estas tarefas. Já o Aspecto Histórico são os instrumentos culturais que expandem os poderes do homem e estruturam seu pensamento.

Interessado principalmente nas funções psicológicas superiores e tendo produzido seus trabalhos dentro das concepções materialistas que predominavam na União Soviética após a revolução de 1917, Lev Vygotsky (1998) tem como pressuposto básico a ideia de que o ser humano se constitui na sua relação com o outro no meio social. Assim, para ele, a cultura torna-se parte da natureza humana, num processo histórico que ao longo do desenvolvimento do indivíduo vem moldando o funcionamento psicológico do homem.

O autor dá muita importância ao substrato material do desenvolvimento psicológico, enfocando, com isso, o cérebro, tendo realizado estudos sobre lesões cerebrais, perturbação da linguagem e organizações de funções psicológicas em condições normais e patológicas. Suas pressuposições vêm contemplar a dupla natureza do homem, que é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve quando inserido em um grupo cultural.

As concepções de Vygotsky (1998) sobre o funcionamento do cérebro humano fundamentam-se na sua ideia de que as funções psicológicas superiores são construídas durante toda a história social do homem na sua relação (interação) com o mundo que o cerca, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos pela cultura, deixando claro que o ser humano se diferencia dos animais porque ele é capaz de criar formas de ação.

Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento psicológico não pode ser buscada em propriedades naturais do sistema nervoso central. O autor não aceitou a ideia de funções mentais fixas e imutáveis, trabalhando com o entendimento de que o cérebro funciona como um sistema aberto e possui grande plasticidade, cuja estrutura e modo de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e ao longo do desenvolvimento individual.

O modelo teórico de Vygotsky (1998) segue condutas interacionistas, como já mencionado, em que o processo de conhecimento é dinâmico e privilegia a interação entre o sujeito que busca conhecer o objeto e o próprio objeto a ser conhecido, estabelecendo-se entre eles relações recíprocas que modificam tanto o primeiro quanto o segundo. No entanto, o autor parece ter analisado de forma diferente o desenvolvimento das funções cognitivas, especificamente humanas, a partir de princípios interacionistas.

Vygotsky (1998) baseou-se nos conceitos de Marx e Engels (materialismo-histórico-dialético)<sup>7</sup> para estender o conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos e signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pela sociedade no decorrer de sua história e mudam a forma social e o nível do seu desenvolvimento cultural. Assim, o autor foi o primeiro a sugerir, numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, que o processo de conhecimento se dá a partir das relações com os objetos de conhecimento intermediadas pelos outros (indivíduos), que são os responsáveis pela elaboração das estruturas cognitivas do sujeito. Quer dizer, reiterando mais uma vez, a ideia de mediação é de fundamental importância para a compreensão das concepções teóricas de Vygotsky (1998).

Para o autor, o sujeito não tem acesso direto aos objetos, isto é, esse acesso é mediado pelos sistemas simbólicos de que o sujeito dispõe. O conceito de mediação, desse modo, desdobra-se em dois aspectos complementares: o processo de representação mental e a origem social das operações com os sistemas simbólicos. Percebe-se que é a cultura que fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade. Esta noção de cultura integrante do processo de construção de conhecimento e de constituição do indivíduo é central para a concepção de aprendizagem segundo Vygotsky (1998), uma vez que incorpora a experiência dos indivíduos.

De acordo com sua teoria da produção simbólica e material, facilitada por uma dinâmica interativa envolvendo, basicamente, sujeito – mediação – objeto, surgem as funções psicológicas superiores, construídas de fora para dentro do indivíduo. O processo de internalização é, assim, fundamental no desenvolvimento do funcionamento psicológico humano. O estudioso russo acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provocava transformações comportamentais e estabelecia um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Assim, para Vygotsky (1998), na melhor tradição de Marx e Engels, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura.

Na formação do sujeito, o autor afirma que o movimento de individuação se dá a partir das experiências propiciadas pela cultura. O desenvolvimento, então, envolve processos que constituem, mutuamente, da imersão na cultura (qualquer que seja) e na emergência da individualidade. Num processo de desenvolvimento que tem caráter mais

---

<sup>7</sup> Vide Bibliografia

de revolução do que evolução, o sujeito se faz como ser diferenciador do outro, mas formado na relação com o outro (pela interação), singular, mas constituído socialmente e, por isso mesmo, numa composição individual, embora homogênea socialmente.

Vygotsky (1998) defende que as ideias não ocorrem por si mesmas, elas surgem das atividades e estas se definem como tal na inter-relação entre indivíduos e meio. Ele considera que o indivíduo é um ser social e que constrói sua individualidade a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos, mediadas pela cultura. O meio é fonte de conhecimento, o qual é construído a partir da atividade dos indivíduos em interação com os elementos que constituem este meio. Este mesmo meio é natural, social e constituído pela cultura.

Para a teoria interacionista sócio-histórica de Vygotsky (1998), a construção do conhecimento é também realizada através da atividade, entendida, no entanto, como fator cultural. O autor apresenta duas ideias principais sobre a construção do conhecimento formal na escola: uma a que se refere como pré-história da aprendizagem e outra, já mencionada alhures, como a da área de desenvolvimento potencial, ou zona de desenvolvimento proximal. Segundo essa teoria, toda aprendizagem do indivíduo na escola tem uma pré-história, pois a aprendizagem do indivíduo começa muito antes da aprendizagem escolar. Isso equivale a dizer que de certa forma o indivíduo já desenvolveu alguma aprendizagem no seu cotidiano, assim, é necessária uma articulação interna entre conhecimento do cotidiano e o conhecimento formal.

Na vida cotidiana, o ser humano aprende muitas coisas, estas aprendizagens ocorrem em vários níveis e são amplamente determinadas pela cultura e formas de produção. O conhecimento formal, aquele que é sistematizado, requer ações específicas por parte do ser humano. Sem uma organização e coerência interna entre os elementos que compõem o processo, o indivíduo não adquire e nem utiliza esse conhecimento. Desta feita, mesmo que no cotidiano a criança seja capaz de aprender coisas em interação com seu objeto de conhecimento, essa ação vai depender da ação do outro. Vygotsky (1998) afirma que o conhecimento é socialmente construído, ou seja, a única possibilidade de construção de conhecimento é aquela que segue o caminho do interpessoal para o intrapessoal.

Enfim, podemos resumir a teoria de Lev Vygotsky (1998) da seguinte maneira: 1) ela privilegia o ambiente social; 2) para ela o desenvolvimento varia conforme o ambiente; 3) ela não aceita uma visão única, universal, do desenvolvimento humano; 4) a relação homem/mundo é uma relação mediada por instrumentos (símbolos); 5) o

desenvolvimento e a aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente (quanto mais aprendizagem mais desenvolvimento); 6) a linguagem tem uma função central no desenvolvimento cognitivo, com a aquisição da linguagem modificam-se todos os processos mentais, pois a linguagem é fator de interação social; 7) o pensamento e a linguagem procedem de raízes genéticas diferentes, porém, ao longo do desenvolvimento se juntam e se separam repetidas vezes; 8) o uso dos signos como instrumentos das atividades psicológicas transformam as funções mentais elementares (ações reflexas, reações automatizadas) em processos mentais superiores (ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional, capacidade para solução de problemas); 9) o indivíduo percebe e organiza o real através dos dados fornecidos pela cultura; e 10) os sistemas de representação e a linguagem constituem os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo.

### **3. A relação reflexiva e teórica entre a sociolinguística interacional de Gumperz e o interacionismo sócio-histórico de Vygotsky, a partir da ideia de interação**

Nesta parte final, explicitaremos uma relação reflexiva e teórica entre a teoria da sociolinguística interacional de John Gumperz (1994) e a teoria do interacionismo sócio-histórico de Lev Vygotsky (1998), que foram apresentadas nas duas seções anteriores deste trabalho. Dessa maneira, em uma proposta de relação, deve-se pensar em dois caminhos interdependentes de reflexão: tentar apresentar aspectos e abordagens que são convergentes às duas teorias e também, tentar apresentar aspectos e abordagens divergentes entre elas, a partir da ideia de interação usada e trabalhada pelos dois teóricos em questão. Este texto, com isso, objetiva a busca de um trabalho teórico que se mostra pertinente e interessante para as duas áreas de conhecimento envolvidas, a sociolinguística e a psicologia.

Notamos que do ponto de vista teórico geral das duas teorias aqui envolvidas e relacionadas, há bastante convergência em relação às questões sociais, culturais e históricas, que são importantes e imensamente consideradas para os dois autores em questão e para suas conjecturas interacionais, porém, é relevante esclarecer que Vygotsky (1998) está mais inclinado aos pensamentos marxistas sobre sociedade, linguagem, cultura e história do que Gumperz (1994), que se aproxima mais das tradições sociológicas (pós-marxismo) e das outras correntes sociolinguísticas. Isto é, Vygotsky

(1998) considera a força do materialismo-histórico-dialético tradicional e Gumperz (1994) se apoia às teorias articuladas pela pragmática e pela etnografia da comunicação.

Percebemos, de início, que a interação para a teoria de John Gumperz (1994) é constitutiva da realidade social, ou seja, ela está fundamentada na relação humana, em que o significado (sentido), a ordem dos acontecimentos na comunicação, as estruturas linguísticas e extralinguísticas utilizadas, dentre outros elementos, não estão pré-determinados, estando assim em evolução, baseada em uma complexa gama de material, experiências e fatores psicológicos. Isto é bastante convergente à interação vista na teoria de Vygotsky (1998), que privilegia o ambiente social, afirmando que o desenvolvimento adquirido no processo de aquisição de conhecimento pode variar conforme o ambiente em que os sujeitos (ou os seres humanos) estão envolvidos, inscritos e interagidos:

What at the level of survey analysis appear as distributional fact here take the form of typified characteristics of the signaling process. It is the fact that it implicitly relies on the everyday knowledge which is acquired through common tradition and shared communicative experience that makes it of interest for the study of social symbolism. (...) What we are talking about here, however, are interpretive preferences which, while perhaps based on perception of linguistic cues, are nevertheless subject to constant change, not context free judgements or grammar like rules. But given the communicative conditions of modern urban life and the need to rely on typifications simply to save time and get on with a task, there is every reason to suppose that the processes we have discussed play an important role in everyday interaction. (GUMPERZ, 1994, p. 36 e 37).

O propósito primeiro deste livro é caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. Essa análise se preocupará com três aspectos fundamentais: (1) Qual a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social? (2) Quais as formas novas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza e quais são as consequências psicológicas dessas formas de atividade? (3) Qual a natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem? (...) A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. (VYGOTSKY, 1998, p. 25 e 38).

Para Gumperz (1994), a interação interpreta o significado social dentro de uma comunicação face-a-face estabelecida, apresentando uma natureza dinâmica e

intencional. Já para Lev Vygotsky (1998), a interação consegue estabelecer uma relação entre o homem e o mundo, e para que isso ocorra de maneira efetiva a interação necessita de mediação, isto é, mediadores que são capazes de conduzir e ministrar com segurança o processo de aquisição de conhecimento (de modo geral). Estes mediadores, por sua vez, são instrumentos, que podem ser símbolos (semiologia) e/ou a linguagem (língua). Vemos, assim, nesse momento, uma divergência entre as duas teorias a respeito da ideia de interação usada. Conseguimos perceber que enquanto a preocupação de Gumperz (1994), com a interação, é a comunicação bem-sucedida frente-a-frente (indivíduo com indivíduo(s)), a preocupação de Vygotsky (1998), com a interação, é a aquisição (aprendizagem) de conhecimento, em que a relação não é somente entre indivíduos, mas também, entre indivíduos e o mundo (natureza):

This book seeks to develop interpretive sociolinguistic approaches to the analysis of real time processes in face to face encounters. It grew out of approximately ten years of field studies of verbal communication in India, Europe and the United States, originally intended to answer questions and test hypotheses arising from earlier ethnographic work on the realization of social categories in language... (...) Yet, important as quantitative sociolinguistics is, its applicability to the analysis of actual processes of face to face communication and to the issues raised in our discussion of structural and generative linguistics is nevertheless limited. (...) The very process of formalizing variable rules, moreover, requires assumptions about cognitive processes and about what is shared. (...) The fact remains that linguistic variable counts, no matter how sophisticated, are statistical generalizations based on data collected by survey methods rather than on findings validated through in depth analyses of linguistic competence. (GUMPERZ, 1994, p. vii e 26).

Quando analisado dinamicamente, esse amálgama de fala e ação tem uma função muito específica na história do desenvolvimento da criança; demonstra, também, a lógica da sua própria gênese. Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1998, p. 40).

Observamos também que a interação para a teoria de John Gumperz (1994) especifica as condições de uma possível comunicação em sociedade. É a partir da interação que os participantes fazem inferências sobre os significados das ações dos outros participantes. Para a teoria de Lev Vygotsky (1998), todavia, a interação especifica

as condições de aquisição de conhecimento, em que a interação entre os sujeitos e os sujeitos e o mundo produzem e transformam a aprendizagem, havendo o processo de internalização e efetiva aquisição de conhecimento (aprendizado). Mais uma vez percebemos pontos de divergência em relação ao uso e ao pensamento da interação dentro das duas teorias aqui relacionadas:

Communication is a social activity requiring the coordinated efforts of two or more individuals. Mere talk to produce sentences, no matter how well formed or elegant the outcome, does not by itself constitute communication. Only when a move has elicited a response can we say communication is taking place. To participate in such verbal exchanges, that is, to create and sustain conversational involvement, we require knowledge and abilities which go considerably beyond the grammatical competence we need to decode short isolated messages. We do not and cannot automatically respond to everything we hear. In the course of our daily activities we are exposed to a multitude of signals, many more than we could possibly have time to react to. Before even deciding to take part in an interaction, we need to be able to infer, if only in the most general terms, what the interaction is about and what is expected of us. (GUMPERZ, 1994, p. 1).

A maior mudança na capacidade das crianças para usar a linguagem como um instrumento para a solução de problemas acontece um pouco mais tarde no seu desenvolvimento, no momento em que a fala socializada (que foi previamente utilizada para dirigir-se a um adulto) é *internalizada*. Ao invés de apelar para o adulto, as crianças passam a apelar a si mesmas; a linguagem passa, assim, a adquirir *uma função intrapessoal* além do seu *uso interpessoal*. No momento em que as crianças desenvolvem um método de comportamento para guiarem a si mesmas, o qual tinha sido usado previamente em relação a outra pessoa, e quando elas organizam sua própria atividade de acordo com uma forma social de comportamento, conseguem, com sucesso, impor a si mesmas uma atitude social. A história do processo de *internalização da fala social* é também a história da socialização do intelecto prático das crianças. (VYGOTSKY, 1998, p. 37).

Constatamos, mais uma vez, que a interação para a teoria dos dois autores em questão, em determinados momentos e condições, se convergem quando eles afirmam que ela é uma forma de ação, além de ser uma espécie de envolvimento que demanda uma certa criação. A interação, para as teorias de Gumperz (1994) e Vygotsky (1998), faz com que se aprenda com o outro, claro que para este a aprendizagem na interação produz a aquisição de conhecimento e para aquele, a aprendizagem na interação auxilia na efetiva e bem-sucedida comunicação. A interação, para os dois autores, é também responsável pela produção de sentidos:

But the more I learned about the nature and functioning of conversational strategies, the more I became convinced that socio-cultural differences and their linguistic reflections are more than just causes of misunderstanding or grounds for pejorative stereotyping and conscious discrimination. Language differences play an important, positive role in signaling information as well as in creating and maintaining the subtle boundaries of power, status, role and occupational specialization that make up the fabric of our social life. Assumptions about value differences associated with these boundaries in fact form the very basis for the indirect communicative strategies employed in key gatekeeping encounters, such as employment interviews, counselling sessions, labor negotiations and committee meetings, which have come to be crucial in determining the quality of an individual's life in urban society. (GUMPERZ, 1994, p. 6 e 7).

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (...) As operações práticas de uma criança que pode falar tornam-se muito menos impulsivas e espontâneas do que as dos macacos. Esses, tipicamente, realizam uma série de tentativas descontroladas de resolver o problema em questão. Diferentemente a criança que usa a fala divide sua atividade em duas partes consecutivas. Através da fala, ela planeja como solucionar o problema e então executa a solução elaborada através de uma atividade visível. A manipulação direta é substituída por um processo psicológico complexo através do qual a motivação interior e as intenções, postergadas no tempo, estimulam o seu próprio desenvolvimento e realização. (VYGOTSKY, 1998, p. 33 e 35).

Um momento em que percebemos um ponto ao mesmo tempo de convergência e de divergência é em relação à linguagem e sua noção, pois ambos a consideram, mas cada um a interpreta e a utiliza em sua maneira científica determinada, de acordo com os objetivos e metodologias escolhidas para suas pesquisas. Gumperz (1994), por exemplo, não descarta seu caráter científico (aquele convencionado pela ciência Linguística), apesar de fazer algumas críticas sobre ela, e de fato a aceita como parte de seu conceito de competência comunicativa (já apresentado alhures), porém, ele também não descarta o caráter popular da linguagem (considerando-a também importante para suas investigações). Para Vygotsky (1998), em sua medida, a linguagem é uma função central no desenvolvimento cognitivo (servindo de instrumento mediador), sendo um fator de interação social, apesar de ele não se referir ou utilizar nenhuma teoria linguística específica:

Limited as they are in terms of scope of inquiry, structural grammars are nevertheless quite adequate for the linguist's goals of comparative reconstruction and of basic language typology. Sapir and others after him were able to show that the grammatical patterns they had isolated proved to be remarkably stable over time. While pronunciation, vocabulary and other etic aspects of language are subject to change, core grammatical systems tend to survive intact often for many centuries. For scholars concerned primarily with linguistic prehistory there seemed to be little or no reason to challenge the existing practices. (GUMPERZ, 1994, p. 16).

Nossos experimentos demonstraram dois fatos importantes: (1) A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte *de uma mesma função psicológica complexa*, dirigida para a solução do problema em questão. (2) Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação. Essas observações me levam a concluir que *as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos*. Essa unidade de percepção, fala e ação, que, em última instância, provoca a internalização do campo visual, constitui o objeto central de qualquer análise da origem das formas caracteristicamente humanas de comportamento. (VYGOTSKY, 1998, p. 34 e 35).

Portanto, a partir do que foi exposto, relacionado e refletido, podemos afirmar que a ideia de interação mobilizada aqui nas duas teorias em questão apresentou pontos de divergências e também de convergências, mostrando, com isso, que as teorias aqui apresentadas e relacionadas, sendo uma da área da sociolinguística e a outra da psicologia, não são excludentes entre si na sua totalidade e generalidade. Vemos que há, com isso, uma possibilidade de unir e/ou compatibilizar estas duas correntes teóricas em prol de uma análise a um mesmo e determinado objeto de estudo, como, por exemplo, o desenvolvimento de métodos e práticas para o ensino e a aprendizagem de línguas, sejam elas maternas ou alvos, vinculadas às questões sociais, culturais e históricas.

Podemos afirmar também que em certos momentos de convergência entre as duas teorias relacionadas a partir da ideia central de interação, houve, às vezes, dentro desta convergência, momentos de divergência, em que notamos alguns caminhos que se diferenciam entre estas teorias e seus modos de conceber a interação, pois uma objetiva o estudo da linguagem relacionada às questões sociais (não marxistas) e a outra objetiva o estudo cognitivo (cérebro e aquisição) relacionado também às questões sociais (mas de caráter marxista).

## Referências bibliográficas

GRICE, P. Utterer's meaning, sentence-meaning, and word meaning. In. **The Philosophy of Language**, ed. J.R. Searle. Oxford: Oxford University Press, 1971.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## Bibliografia

BEYER, H.O. Porque Lev Vygotski quando se propõe uma educação inclusiva. **Revista Educação**, n. 26, EdUFMS, 2005.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1967.

GERARDI, J.W. **Transgressões convergentes: Vigotski, Bakhtin, Bateson**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life**. NY: Doubleday, 1959.

\_\_\_\_\_. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Doubleday, 1967.

\_\_\_\_\_. **Frame Analysis**. An essay in the organization of experience. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

\_\_\_\_\_. **Forms of Talk**. Philadelphia: U. of Penn. Press, 1981.

HYMES, D. "Competence and performance in linguistic theory" **Acquisition of languages: Models and methods**. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press, p. 3-23, 1971.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã. Vol. I**. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes, s/d.

\_\_\_\_\_. **A ideologia Alemã. Vol. II**. Portugal: Editorial Presença; Brasil : Martins Fontes, s/d.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAPIR, E. Language. New York: Harcourt, Brace and World. (1929). "The status of linguistics as a science." **Language** 5, p. 207-214, 1921. **crossref** <http://dx.doi.org/10.2307/409588>

SCHIFFRIN, D. **Meaning, Form, and Use in Context: Linguistic Applications.** Washington DC: Georgetown University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **"An empirical basis for discourse pragmatics"** Talk presented at Ferguson-Greenburg Lecture Series; Stanford University, 1985.

Artigo recebido em: 25.02.2015

Artigo aprovado em: 13.05.2015

Domínios de Lingu@gem